



ORIGENS
JOÃO AUGUSTO VAZ

(in memoriam)

INTRODUÇÃO

Um dia o homem viajará nas estrelas, e povoará todo o universo. É a sua grande aventura. Seu futuro, com certeza. Por isso, não podemos deixar de olhar para o passado longínquo onde, se o tempo existir, e podermos seguir sua orientação, perguntaremos como tudo começou e motivou o surgimento das primeiras sementes que possibilitaram brotar e chegar até nós, homens atuais.

São perguntas inevitáveis que nos vem perseguindo através dos tempos. Das suas respostas, muitas delas não solucionadas, é que deixaremos de nos angustiar sobre a nossa existência. Existência essa, cheia de dúvidas e interrogações.

Navegamos num planeta diminuto em comparação com a grandeza do universo. Será que um dia compreenderemos sua natureza e daremos sentido ao nosso surgimento? Compreenderemos a dimensão do tempo, único recurso de nossa orientação e encontraremos no passado respostas para essas incógnitas? O planeta nos acolherá, na sua aparente perenidade, até a compreensão dessas perguntas, cujas respostas são inevitavelmente a "chave" que garantirá nossa sobrevivência futura?

A compreensão de onde tudo surgiu é pouca. Na verdade, nada sabemos com absoluta certeza. Tudo nos intriga e nos angustia. Sabemos pouco de nossa verdadeira existência, mesmo vasculhando o passado e imaginando o futuro. Buscamos, então, em nossa pequena memória, perdida na vastidão do tempo, elementos para solucioná-la. Agarramo-nos a ela como náufragos a uma jangada.

Notamos, para nossa tristeza, que esses elementos fornecidos pelo tempo são poucos, quase nada, fragmentos iludidos na sua vastidão.

Esse trabalho, porém, que vamos narrar adiante, não busca soluções. Mesmo porque elas ainda não existem. Resgata sim, só um lapso dele - o tempo - e nossa passagem por ele. Consequentemente, muitas das perguntas que propomos ficam sem respostas. São as mesmas perguntas que fazemos desde a aparição de nossa consciência.

Queremos com ele, a explanação do que provavelmente compreendemos como certo em nossa caminhada pelo planeta. São as mesmas perguntas que no início dela, os longínquos ancestrais também faziam, e as trouxeram até nós.

O que aqui então queremos é o relato dessa caminhada e as transformações no seu decorrer. Nada prometemos elucidar no sentido de seu início primordial, mas simplesmente comentar o que achamos que sabemos.

A noite prosseguia em seu ritmo lento, cobrindo com seu manto negro toda a abóbada celeste. Mas, já prenunciava um novo dia. O sol por trás do horizonte, tornava nítidos seus primeiros raios de luz. Logo o véu da escuridão desapareceria, aspirado pela claridade de um novo dia.

A vida, ao seu abrigo, lhe é subordinada. Na luz do sol encontrou as condições de surgimento e sobrevivência. Na escuridão da noite, renova-se e repousa. Inserida nesses aspectos primordiais, ela surgiu e de acordo com suas regras e condições, evoluiu, atingindo com o homem a consciência.

De posse de tão formidável instrumento que lhe foi concedido pelo esforço vital, esse ser pôde revolucionar modificando todo o meio natural em que vivia.

Por consequência direta, então, de seu aprimoramento intelectual esse ser iniciante, primordial ancestral dos homens atuais, inovando na natureza pelo caminho exótico que a evolução impôs a trilhar, já não era mais um simples reflexo do "berço" ambiental de onde surgiu; mas, sim, já um reflexo das transformações que seu cérebro em evolução lhe proporcionava.

Segundo essa linha evolutiva concedeu-lhe a capacidade de aprender, imaginar e criar. Capacidade essa aprimorada, como já dissemos, nas diversas etapas do tempo e em comum acordo com as adaptações que lhe eram impostas, inovando na natureza, um desenvolvimento intelectual crescente, em detrimento do seu desenvolvimento físico. Dessa forma, ele não estava mais engajado, como parte intrínseca, do meio natural do qual surgiu e agora formava-se; mas, antes sim, era um observador e modificador desse mesmo meio.

O ciclo do dia já não o aprisionava em suas formas imutáveis. O instinto cego, que no início de sua caminhada, o ajudou a sobreviver e evoluir, cedia agora espaços para as suas novas capacidades intelectuais, que brotavam em seu cérebro, ainda primitivo. Mas que, já faziam dele, divergente de todos os outros seres; elevando a vida dessa maneira, a sua forma mais suprema.

Todos os seres vivos são reflexos da dependência ao ambiente onde estão inseridos; fazendo dessa dependência uma interligação vital, na qual todos participam intrinsecamente desse encadeamento formado. O homem, na "pele" de um remoto ancestral rompeu, vamos assim dizer, com essa cadeia, através de um desvio evolutivo que lhe foi concedido e que, como veremos, lhe deu as condições de seguir sozinho no sentido de não mais depender desse encadeamento natural, distanciando-se dele na medida direta concernente à forma em que o processo evolutivo o moldava à margem de todas as demais espécies.

Afastando-se então, do grande bloco vital, esse ser primitivo e primordial teve que buscar no novo ambiente condições para sobreviver. Teria que conseguir essas condições de forma inédita, aliado que estava da natureza como um todo e, por conseguinte, também de suas regras e de suas leis.

Buscou, então, no desenvolvimento de seu cérebro emergente os meios para suprir essas leis milenares e, dessa forma, ganhar a sobrevivência. Na companhia de seus semelhantes encontrou a segurança e compensação para a sua já pouca "roupagem" física, tributo que a evolução ia lhe cobrando, na medida em que avançava na sua elaboração cerebral, medida essa, proporcionalmente inversa, como dissemos, ao seu desenvolvimento muscular.

Davam-se então, os primeiros passos nessas etapas iniciais, na medida do seu tempo, no sentido de propiciar elementos para os definitivos rompimentos na cadeia natural, que tornara assim o novo ser, nosso primeiro ancestral essencialmente livre na natureza. Dessa forma, totalmente desvinculado como componente (interdependente de todo o bloco vital).

Esse elo partido que lhe condicionou a independência e o propiciou dissociar-se das leis naturais, as quais anteriormente recebia na forma de herança instintiva, espécie de guia mental imutável e implacável que recebem ao

nascer todos os demais seres irracionais e que os condicionam a sobreviver. Ficou estacionado no tempo sem conseguir adaptar-se. Todavia, sabe-se que da sua existência, desaparecida há milhares de anos, os iniciais antepassados do homem tiraram as primeiras sementes mutantes, que os adaptaram e os selecionaram para sobreviver em um novo meio, ao qual lhes era desconhecido. Essa anterior forma de vida que o precedeu e lhe deu origem, e que de acordo com os processos evolutivos, concedeu-lhe a oportunidade de continuar nesse novo ambiente e adaptar-se, em detrimento de sua própria sobrevivência, constitui-se ao certo, no que compreendemos por "elo" perdido. Tronco de onde ramificamos e nos separamos, digamos assim, dos demais seres irracionais.

Constitui-se por isso mesmo, em sua essência, no momento em que nosso primordial ancestral quebra a barreira que o unia de forma interdependente ao bloco vital, e possibilita a dar os primeiros passos na direção que o levaria até nós, homens atuais.

O meio ambiente onde todos os seres estão inseridos poderá sofrer modificações. Só os que acompanharem essas modificações, adaptando-se, conseguirão sobreviver, prosseguir e deixar descendentes. É através da seleção natural e dos mecanismos de transmissão genética que ocorre essa escolha na natureza; e da mesma maneira o ser evolui e se recicla. Sendo assim, essa adaptação só ocorre se houver uma perfeita sintonia na relação entre o meio ambiente que sofreu modificação e a carga genética recebida pelo novo ser, que tenta adaptar-se. Dessa maneira, uma modificação em relação ao ambiente necessita uma modificação referente ao ser (mutação genética), selecionando, ainda por fim, essa mutação, a uma adequação desse mesmo ambiente, tornando o novo ser mutante apto ou não ao novo meio modificado.

Repetindo, então: se um determinado meio ambiente não se modificou, os seres que nele vivem e que receberam dos seus ascendentes a mesma carga genética, que os mantinham adaptados, continuarão sobrevivendo nesse mesmo meio, ao passo que, se o meio natural modificou-se, os seres que receberam das antigas ascendências as mesmas informações genéticas, não conseguirão adaptação, pois como não mudaram não acompanharam as modificações ambientais, e dessa maneira não garantiram a sobrevivência.

Porém, ao ser que foi transmitida uma informação genética que o selecionará ao novo meio modificado, adaptar-se-á e deixará descendentes também aptos. É, portanto, dessa maneira que a natureza consegue a sobrevivência para todos os seres vivos através dos tempos. Levando e adaptando a vida a todos os recantos do planeta. Para isso, vale-se da evolução como mecanismo natural, no sentido de contornar com suas espécies viventes, as modificações que possam vir a ocorrer no seu nicho ecológico, e conseqüentemente, não deixando que a chama da vida se apague.

Essa característica das espécies de, em determinado momento (ao acaso), transmitirem genes mutantes a seus descendentes, os tornando cópias em alguns aspectos diferentes de sua própria espécie original, consegue, dessa forma, transmitir às novas gerações essas mesmas características herdadas; é que bem representa, no bojo de todo esse mecanismo que propicia manter acesa a centelha da vida, na importância do seu valor, o verdadeiro combustível para essa mesma chama nunca se extinguir.

Tudo isso aconteceu e se conjugou para o surgimento e conseqüente elaboração dos primeiros estágios de formação de nossos ancestrais.

II

A natureza mostrava todo o seu esplendor nessa manhã bela e radiosa. Filtrado por entre as ramagens das árvores, os raios de sol lhe davam características surrealistas, e a todos os seus seres; dimensionando-os em suas formas e atitudes. Fazendo dela, na medida em que divergia de seus habitantes naturais, no contraste dentro do conjunto que formavam um imenso palco, onde, todos os seres que transitavam por seus domínios representavam marionetes díspares no movimento da vida.

Assim sendo, de uma maneira sucinta e simbólica procura-se idealizar todo um ecossistema em aparente sintonia, e que assim poderia vir perdurando há muito...; vindo de um passado perdido na vastidão do tempo.

Para bem representarmos esse sistema ecológico, aparentemente ajustado, vamos nos situar, transportando-nos, com nossa imaginação, em uma extensa faixa de florestas camufladas entre vales profundos e rios sinuosos, entrecortando altas montanhas; sendo que, por fim, resvalando em desvãos sucessivos, davam na verdura seca e rala de uma planície.

Entretanto, toda essa unidade com aparente interdependência começou, no sentido em que se desajustava seu regime de águas, a dar mostras de exaustão no seu todo ecológico. Fazendo dos primeiros desequilíbrios atmosféricos que começavam a ocorrer na região, as primeiras rachaduras, podemos assim dizer, na perenidade que ilusoriamente a natureza deixava transparecer. Conseqüência de imemorável recuo com que vinha do passado, tornando-o, dessa forma, aparentemente imutável.

Assim, todo o conjunto vivo desse meio ambiente começava a padecer pelos efeitos da pouca umidade, sentida por toda a região. Na parte da floresta, à entrada do vale, várias espécies de primatas habitavam as altas copas das árvores. Consequentemente, a constante desarmonia no clima também lhes afetava e lhes causava transtornos na sua busca pela sobrevivência. Sendo assim, mesmo na segurança das árvores que compunham esse grupo vegetal, começava a faltar alimentos para todos.

Algumas espécies, por reproduzirem-se mais e terem um número maior de indivíduos, impunham-se sobre os outros, negando-lhes alimento. Assim sendo, as espécies de primatas minoritários urgiam obter um novo ambiente para habitarem, adaptando-se a uma nova forma de sobrevivência. Todavia, como em tais condições conseguiriam essa adaptação em um meio natural desconhecido e para o qual a espécie expulsa de seu antigo habitat não estava adaptada? Logo, não haveria comida para todos e muitos teriam que buscar esse alimento no chão. Aconteceu, porém, que: de um grupo minoritário de primatas (que foram excluídos por bandos maiores na falta de alimento), alguns começaram a nascer com características físicas diferentes do restante da espécie.

Alguns indivíduos surgiam, exemplificando, sem sua cauda preênsil, que os auxiliava para locomoverem-se no cimo das florestas; ou, com a coluna vertebral menos rígida, dando ao novo ser a possibilidade de uma postura mais ereta. Eram seres mutantes que nasciam; fenômeno natural e ocasional, que como já vimos, proporciona à natureza e que dá às espécies condições de adaptação para uma eventual mudança ambiental.

Assim, condicionando-os à seleção natural, que propiciará, aos que tiverem melhores características de adaptação, a sobrevivência.

Esses seres então, já na planície, andando aos pés do chão, com as características novas aceitas pela seleção natural, foram distanciando-se de sua espécie original, de onde provinham. E, seguindo o curso de novas adaptações, esses seres de aspecto exótico, andando de forma estranha, largaram as cercanias das florestas, e, olhando sempre o horizonte, ganharam a vastidão das planícies.

As dúvidas que teriam suscitado a esses, que eram os primordiais ancestrais do homem, ao olharem para a vastidão do horizonte, tiveram as respostas em nós, homens de hoje. Sendo que, novamente deparava-se com o horizonte desconhecido e fronteiras novas a conquistar, agora muito mais abrangentes e inóspitas, mas que, na escala de importância e dificuldade que tem e tiveram, nas respectivas épocas, para a espécie humana, aqueles passos iniciais e as novas fronteiras humanas encontradas hoje, se equivalem.

III

Como vimos, no capítulo anterior, as primeiras formas humanas evoluíram a partir de modificações selecionadas pelo meio natural em que vivia a espécie inicial, que as originou. É válido pensar que dessas variações do tronco primordial dos quais descendemos nós os humanos, saíram, consequentemente as primeiras formas bípedes dos futuros homens, que conseguiram adaptação e como sabemos, evoluíram até nós.

Essa evolução estaria traçada pela forma como foi conduzida, desde seu início, a moldar um novo ser; exótico sob todos os aspectos no meio natural e, que a partir de certos estágios de sua formação faria do mecanismo que

possibilitou sua ascensão de organismos inferiores, em um mecanismo artificial e direcionado pelo seu próprio esforço da vontade.

Dessa forma, a evolução com o homem divergiu e tomou características antagônicas em relação às demais espécies. Tudo isso, deveu-se ao sentido inimaginável que seguiu essa evolução, ao trocar os primeiros "passos" junto com nossos antepassados, dando-lhes os empurrões iniciais e não deixando que parassem de "caminhar".

Todavia, seria depois, artificializada e assimilada pela própria inteligência que ela mesma deu, ao propiciar nesse novo ser. A racionalidade e lucidez foi o caminho encontrado por ele para sobrepujar o meio, que em fases primárias de sua conduta evolutiva foi selecionado a trilhar.

Deparando-se, nesse trajeto que percorria sua espécie, com obstáculos intransponíveis para seus dotes de então, ousou remover esses obstáculos, no esforço da sobrevivência, com uma lucidez que ainda não possuía.

Experimentou pela primeira vez, entre todos os seres, dominar forças compulsórias e condicionadoras, embutidas em seu cérebro, há milênios; e, de posse delas, tentar algo novo, impondo sua vontade.

Consequentemente, esse ser que, até então, era direcionado por instintos que lhe vinham garantindo a sobrevivência, por uma contingência imposta na sua própria trilha que evoluía, deparou-se com alternativas, as quais só com seus instintos condicionadores não conseguiriam solucionar. Deu-se aí, ao certo, a oportunidade, oriundas de tremendas exigências para com esse ser, transcender a seus próprios impulsos que o condicionavam. Mas que, nesse momento de sua caminhada não lhes davam as necessárias respostas, no sentido de garantir-lhe a sobrevivência em um meio ao qual não estava totalmente adaptado.

A partir daí, a evolução naquele que era nosso ascendente pré-histórico, teria seu direcionamento definido na medida em que, nesse instante de tempo, suas ações mentalizadas passariam a ter-lhe uma relevância maior que seus dotes instintivos e condicionadores que dominavam suas ações até então; dando-lhe assim uma nova geometria evolutiva ao ser, geometria essa que, abrindo caminho entre seus instintos, conseguia espaços para um novo cérebro que tentava formar, tornando-o cada vez mais lúcido, levando com isso todo o seu ser a caminhos melhores de trilhar. Aos quais correspondia a esse novo direcionamento, apresentando uma maior sensibilidade ao seu conjunto muscular.

Procurando tornar-se um veículo mais acessível e adaptado às novas condições, exigências de comando que provinha do novo cérebro.

IV

Nossos antepassados pré-históricos conseguiram manipular e utilizar o fogo, buscando-o, ainda que no início, em sua forma natural. Alcançando uma importante etapa em sua evolução, a qual lhes marcou um novo início, podemos assim dizer, no caminho em que se desenvolviam.

Há milhares de anos ficou privado dessa prodigiosa ferramenta natural. Inicialmente, conhecia e temia o fogo, como todos os demais seres das florestas incendiadas por tempestades de raios, as quais ocasionavam, em épocas pouco chuvosas, verdadeiros estragos nessas extensões vegetais, levando o terror e a morte para muitas espécies.

Então, instintivamente, fugia do fogo e de suas conseqüências, passando ao largo, temeroso, sempre que podia, quando se deparava com essas catástrofes naturais. Por milhões de anos agiu assim nosso ancestral. Quando em grupo patrulhava as florestas em busca de caça, ou quando, desprevenido, era acossado por esses incêndios.

Assim, até vencer o medo atávico desse elemento, o qual estava arraigado em sua própria massa cerebral primitiva, muitos passos teriam que ser dados. Passos esses compreendidos como degraus de seu desenvolvimento, por conseguinte, gigantescos em sua importância na escalada que empreendia o novo ser, e em concordância com o lento caminhar de seu desenvolvimento intelectual, para o qual estava subordinado, a forma como sua evolução o direcionava nesse sentido. Levando-o até as condições necessárias para obter esse importante achado.

Certamente, nos primórdios dessa descoberta, vencendo a resistência imposta pelo instinto, perambulando pelos rescaldos dos incêndios, depois de cessados os temporais, e já com os braseiros apagados, os elementos mais corajosos e lúcidos, iam observar os estragos que o fogo ocasionava na vegetação e nas carcaças dos diversos animais mortos que encontravam.

Dessa maneira, quem sabe, pela primeira vez experimentaram o sabor da carne, calcinada pelas labaredas, desses animais. Não podiam deixar de notar a diferença que existia da carne de caça crua que estavam habituados a comer. Certamente agiram assim, levando depois os animais carbonizados para os acampamentos, mostrando aos demais do grupo.

Nessas ocasiões, com certeza, deixavam transparecer o espanto pelo fenômeno novo desse banquete. Separando as melhores partes dos animais estorricados que traziam e que tão diferentes lhes eram ao paladar.

De tudo o que acima foi dito, poderemos suscitar duas indagações: como essa descoberta (a utilização do fogo) ocorreu no âmbito de um cérebro primitivo e emergente, como o que possuíam os nossos ancestrais? E em que etapas dessa emergente evolução mental encontravam-se?

Como vimos anteriormente, nosso longínquo ascendente até então, entre um milhão e quinhentos mil anos atrás, vivia em grupos para obter melhor proteção e melhores condições para a caça, onde a cooperação entre os indivíduos era fundamental. Da mesma forma, começavam a estruturar a linguagem falada e a confeccionar os primeiros objetos de ossos e pedras.

Quanto à caça, essencial para a sobrevivência da espécie, elaboraram regras rígidas, as quais não podiam ser quebradas. Quando caçavam, só indivíduos adultos participavam; as crianças, velhos e mulheres ficavam no acampamento. Nesse período da sua evolução saía do nomadismo, os acampamentos já eram permanentes. Não podiam, em suas expedições predatórias, em busca de alimento, levarem mulheres e inaptos, sob o risco de não conseguirem esse alimento.

As mulheres nos grupos de caça gerariam controvérsias que afetariam toda a incursão, e os inaptos seriam um peso morto, fardo esse que não poderiam carregar.

A rudeza de métodos que utilizavam esses primeiros homens em suas caçadas e a eminência do sucesso delas, nessas épocas anteriores à história, os faziam intolerantes a tudo que fugisse ao condicionamento básico que as garantiam.

Foi assim que, através dessa intolerância, há mudanças em suas regras atávicas, que ganharam a sobrevivência por entre aquelas épocas remotas. Evoluíram, deixando um legado menos sombrio e da mesma maneira, menos rígido para nós, seus descendentes.

Esse instinto predatório, que possuía nosso ancestral, primordial para o sucesso da incursão, e consequentemente fundamental para a sobrevivência de todos, tão atrelado estava em seu ser, que nós, nos dias atuais, por uma herança atávica, ainda carregamos de forma latente, em algum recôndito de nosso cérebro, esse e inúmeros outros arremedos de instintos que lhes eram essenciais e por isso mesmo garantiam e faziam parte do seu dia a dia.

Assim sendo, nós, habitantes do século vinte e um, muitas gerações a separar-nos daqueles cenários longínquos, onde os homens primitivos formavam e condicionavam elementos que possibilitariam nossas descendências, deparemos em determinadas ocasiões com o afloramento desses mesmos instintos milenares, que pensávamos agora não mais possuímos, e de certa forma, então, nos aproximamos daquelas paragens distantes, e mais ainda, de sua essência da qual somos todos originalmente formados.

V

Vimos acima, de um novo ângulo, aspectos anteriormente descritos sobre o comportamento do nosso antepassado pré-histórico, compreendido no período anterior à descoberta, por ele, da utilização do fogo. Do que narramos,

algumas indagações foram surgindo e da mesma forma procuraremos respondê-las, isto é, na continuação do que estamos nos propondo. Vamos, então, novamente, para situar-nos, rever alguns tópicos falados.

Comendo crua, a carne das caças que abatiam, suas feições eram ainda rudes, com maxilares e dentes proeminentes e fortes. Já possuíam habilidade manual suficiente para segurarem e trabalharem os alimentos. Assim, bem longe estavam de seus primordiais ascendentes; medindo essa distância, no sentido em que propunha a esses seres sua própria evolução. Evolução essa, que lhes era processada de maneira progressiva.

Entende-se, então, nessa pequena distinção evolutiva entre dois seres que se sucediam, a separá-los apenas pela distância do tempo, a linha do desenvolvimento em que trilhavam. Modificando o ser naquele estágio em que se encontrava e totalmente inserida na direção pré-estabelecida, podemos assim dizer, no sentido de como evoluía esse mesmo ser.

Continuando o raciocínio anterior, a respeito de aspectos do desenvolvimento evolutivo desse ser antepassado, veremos que mesmo com as habilidades que possuía, nosso longínquo ancestral ainda necessitava de uma potente musculatura facial para impulsionar seus também fortes dentes e ossos maxilares. Como consequência direta, a necessidade de mastigar e deglutir com eficiência a dura e fibrosa carne crua, base de sua alimentação.

Muito dos nutrientes alimentícios que conseguia, era conduzido para estas áreas do seu corpo, deixando o seu tecido cerebral, ainda que incipiente, sem a necessária nutrição que já pedia nos seus pequenos arroubos intelectuais, e que então, o ajudaria a impulsionar-se e desenvolver-se mais.

Estabelecia-se assim, um ciclo que se perpetuava e que da mesma forma, aprisionava o ser em um mundo muito primitivo, onde o corpo e o cérebro se equivaliam e não podiam dissociar-se em forma que se divergissem muito, entendendo-se como sendo um desequilíbrio quantitativo, visto que um equivalia, garantia e dependia do outro.

Não sendo priorizado pela alimentação do ser, que estimulada por áreas mais atuantes o relegava a planos menores, o cérebro desse antepassado do homem, não podia dar continuidade ao plano traçado para a evolução de toda a espécie, e que teria nele de maneira progressiva e única o ponto de convergência e direcionamento dessa mesma evolução.

Sendo assim, o ser permanecia, como falamos então, preso a instintos, que por sua vez, necessitava de uma armação forte para suprir as deficiências condicionadoras desse mesmo cérebro. Só quando surgissem as condições necessárias para esse ser romper com o ciclo primitivo em que se encontrava, o qual veremos de forma mais elucidativa adiante, foi que áreas maiores de sua mente puderam ser irrigadas com nutrientes alimentares adequados e, da mesma forma esse cérebro emergente pôde então, continuar na direção delineada no sentido de sua elaboração. Criando assim, alternativas novas que os instintos inadequados que possuía, não dariam a ele, em face de sua estrutura física e do meio em que habitava, respostas que o possibilitassem um despojamento corporal maior do indivíduo que o faria, então, mais delgado e dessa forma, conseguiria desviar substâncias alimentares mais importantes para seu intelecto, o qual responderia a esses estímulos, desenvolvendo-se e cada vez mais necessitando, desses nutrientes, que agora lhe eram enviados.

Rompido o ciclo e alcançando uma elaboração mental mais superior, adequando-se ao próprio sentido que buscava em si a evolução, pôde garantir a sobrevivência de seu organismo corporal que se fragilizava, para levar avante seu aperfeiçoamento intelectual que lhe era vital.

O ciclo, como já dissemos, que aprisionou esses seres por muito tempo em um patamar primitivo em nível de cérebro; dominado quase que totalmente por impulsos instintivos; ainda que o novo ser estivesse, mesmo assim, muito além das demais espécies, foi finalmente rompido.

Com a descoberta da utilização do fogo, pôde no calor e na claridade que suas labaredas proporcionavam-lhe, alongar sua convivência com os demais indivíduos da raça. E, alimentando-se com a carne cozida por ele, pôde afinal desvencilhar-se dos resquícios remanescentes de sua antiga roupagem muscular exagerada e, da mesma forma,

seguindo os parâmetros evolutivos, torneando para uma adequação mais próxima da humana, sua estrutura facial, então, grotesca.

Assim, de uma maneira sucinta, pela forma como narramos, percebe-se também a importância da descoberta da utilização do fogo, ainda que conseguido na sua forma natural, sem que soubesse ocasioná-lo. Com o fogo, como falamos, esse ser pôde, no calor dos acampamentos, aumentar seu convívio social, aprimorando sua linguagem, e consequentemente, adentrando na noite pela primeira vez.

Com efeito, um novo degrau importantíssimo e quem sabe de alcance ilimitado, no sentido do valor proporcional que trouxe consigo, medido na dimensão do seu tempo.

Repassamos então, de forma novamente pouco aprofundada, o comportamento dos grupos humanos no período compreendido como antes e logo após a descoberta prática para esse elemento natural, o fogo, que sem dúvida alguma ficará como marco divisório na história da evolução do homem.

Podemos tentar dimensionar e dar sentido às diversas indagações que essa descoberta trouxe consigo, extrapolando o fato em si e sua importância para a época em que surgiu. Indagações essas, relativas à luz que deve ter brilhado, emergida de algum recôndito daqueles cérebros primitivos e que proporcionou as condições para sua descoberta.

Dessa maneira, nos faz suscitar outra interrogação: como essa mesma luz foi alcançada por esses seres, então, primitivos, desemperrando-os do ciclo estacionário em que estavam mergulhados? Por último, indagamos como foram vencidas as várias etapas anteriores na sua evolução, para conseguirem chegar a esse degrau elevado em seu desenvolvimento? A essas perguntas e a outras que possivelmente virão, procuraremos respondê-las no decorrer desta narração.

VI

O homem até essa época, anterior ao fogo e sua utilização, excetuando seus instintos primordiais que ainda detinham a primazia de direcionar as suas ações principais, possuía habilidades manuais e uma já dimensionada capacidade visual, esta última, até então, exótica na medida em que dava ao ser a capacidade de dimensionar e memorizar os objetos no espaço. Foi adquirindo e incorporando aos seus novos arsenais mentais, que possibilitaram os primeiros vislumbres de lucidez em seu cérebro emergente. Emergente no sentido em que vinha tentando "brotar" desde o início de sua caminhada, imediatamente e ao tempo em que descendo das árvores, distanciando-se do "tronco" que o originou, adaptou-se a uma postura mais ereta, que lhe foi dado adquirir e que lhe permitiu as condições para desvincular-se, como já vimos, do berço natural.

Desvinculo entendido como uma desesperada forma para uma nova adaptação, visto que o ser foi jogado literalmente "desarmado" em um meio que lhe era hostil.

Adaptou-se e chegou ao homem atual, desenvolvendo a sua inteligência e, sendo assim, evoluiu para uma forma, até então, inusitada e que diferiria de todas as espécies.

Possuíam também, um início de estrutura social, com divisão igualitária de tarefas, e um ainda que precário, sistema inicial de linguagem.

Quando adquiriram habilidade com as mãos no uso de instrumentos, possibilidade conseguida pelo seu andar ereto, o qual lhe liberou os membros superiores da tarefa de locomover-se, foi que esse ser começou, efetivamente, a esquadrihar em seu cérebro, quase que totalmente instintivo, os primeiros reflexos dessas alterações.

Por conseguinte, áreas inativas dessa mente, condicionadas em instintos milenares, começaram a dar mostras de um início de aprendizagem.

Tudo convergia para o desenvolvimento desse cérebro, conseqüência das fases iniciais, de sua formação, quando a necessidade das diversas adaptações por que passou, o conduziram a seguir seu direcionamento evolutivo.

Assim sendo, esse ser, diferindo de tudo no meio natural, com seu novo cérebro, em detrimento dos demais órgãos do seu corpo, expandia-se, abrindo por entre suas entranhas de massa cinzenta, espaços onde anteriormente eram ocupados por instintos implacáveis, para que de forma progressiva e emergente, desse lugar a imaginação e o aprendizado. Do aprendizado, desenvolvido a partir, principalmente, de habilidades manuais, adquiriu o talento, forma elevada de instinto, herança que transmitia a seus descendentes.

O antigo e condicionador instinto eram, aos poucos, afastado para dar lugar a essa nova orientação mental que surgira - o talento específico - fazendo dessa nova condição que desenvolveu o cérebro ancestral, um instinto superior.

Com isso, de forma singular no ambiente natural, seres de uma mesma espécie já podiam ser "julgados" por habilidades diferentes, que os tornavam divergentes sobre vários aspectos.

O talento, então, que brotava de forma aleatória nesses remotos ancestrais e os tornava entre si únicos e específicos em algumas áreas, e que também, acompanhando as modificações do tempo, vêm com o homem até os dias atuais, seria uma evolução superior de um instinto, derivada por ele do antigo condicionamento primitivo.

Começavam a surgir no novo ser as primeiras diferenciações no âmbito de seu consciente, e que derivariam para forjar um início de individualidade, que tanto iria caracterizar a raça.

Dessa maneira, repetindo, a partir da habilidade em utilizar objetos, entre outras capacitações, ganhas no decorrer evolutivo, esse distante antepassado, estimulou em seu ascendente intelecto, zonas para reter e transmitir conhecimentos, que o possibilitou, saindo dos sentidos primitivos, uma graduada forma de inteligência.

A partir desses fatos, desencadeiam-se novas situações de favorecimento, que dariam condições ao ser para uma maior abertura mental.

Sendo assim, no encadeamento dessas situações favoráveis, que a evolução lhe proporcionava, no âmbito de seu cérebro emergente, foi que certamente conseguiu chegar a uma das maiores prerrogativas do intelecto humano - a imaginação - forma superior de artifício cerebral, que o levaria a um patamar bem mais alto na escala de valores, o comparando aos demais seres vivos. E que, transcendendo a tudo isso, lhe daria o poder de imaginar e criar, buscando e tendo condições o novo ser, de procurar alternativas novas.

Consequentemente esse artifício por ele conseguido ao longo de seu esforço evolutivo, mais do que tudo, servir-lhe-ia, pela lucidez que dotou sua mente, como estimulador, para novos saltos no desenvolvimento mental.

Fazendo a capacidade de visualizar, aprender e reter esses conhecimentos, os quais lhe proporcionaram a derivação superior do talento específico; combustível para mediar novos valores superiores de inteligência. Assim, de forma sucinta, falamos novamente do valor que o poder de imaginar e criar trouxe a esses antepassados do homem; forma mental muito superior aos estágios em que se encontrava o ser, quando detinha maneiras rudes de raciocínio e capacidade de aprendizagem; mas, que nos primórdios da espécie, proporcionou erguer-se do mais cego instinto para formas superiores de capacitação mental.

Poderíamos, então dizer, repetindo o que falamos, ser a imaginação do cérebro humano, sua mais importante prerrogativa, e que, sem dúvida alguma, é a que o torna ainda mais inusitado e afastado das outras espécies. Foi-lhe proporcionado pela conjugação de todos os fatores anteriormente descritos, entendidos como os "degraus" de seu desenvolvimento intelectual, e por isso mesmo, tornando-se superior e "mola mestra" que nortearia, no âmbito consciente do ser, todas as suas ações a partir de então.

Dessa nova característica cerebral, podemos também assim dizer, a forma intelectual mais aperfeiçoada que "flutuava" dentro da abertura de lucidez desses primeiros homens, é que de onde saíam agora as "sementes" que possibilitariam às novas gerações alcançarem níveis maiores de inteligência, e consequentemente do conhecimento; servindo, por conseguinte, como trampolim para novos saltos evolutivos que haveriam de vir na mente do homem.

Todavia, mesmo esse gigantesco sentido cerebral, que é a imaginação, está subordinado e lhe é consequência, a abertura elucidativa que conquistaram os ancestrais da espécie em determinado período de sua evolução, abrindo-lhe por entre instintos implacáveis, espaços para a compreensão e conscientização.

Dessa misteriosa atitude nova de "ver" as coisas e procurar entendê-las, que alcançou o homem com a consciência, é que verdadeiramente processa-o, e que, da mesma forma caldeia-o dentro de seus limites transcendentais, as variações que o tornam apto a passar para as novas gerações uma conscientização cada vez mais abrangente.

VII

Chegamos assim, em determinada etapa, que nos capacita a tentar responder uma das perguntas anteriormente formuladas: em que nível de evolução encontrava-se a inteligência de nosso ancestral quando vislumbrou pela primeira vez em sua mente a idéia de utilizar o fogo? Parece-nos não restar dúvidas que para tão importante achado, a nível mental do ser para a época, encontrava-se em um estágio que o pensamento imaginativo deveria estar presente, e com certo grau de desenvolvimento, em alguns indivíduos poderia ser mais elevado, proporcionando assim a descoberta.

Ao certo, repetindo novamente o que já dissemos, vencendo o medo atávico que o fazia afastar-se compulsoriamente do fogo, alguns indivíduos, dotados de uma maior lucidez e imaginação, notaram que após os grandes incêndios poderiam, sem receio de queimarem-se, permanecer próximos as chamas remanescentes, daí então, até concluírem que poderiam, com cuidado, levar esses braseiros para os acampamentos foi pura consequência.

Para entendermos melhor esse feito fabuloso para a sua época, e o valor de sua abrangência no futuro, para o aprimoramento evolutivo da espécie, teremos que obrigatoriamente revisarmos alguns pontos do processo de expansão desse cérebro: de seu início até o momento em que se encontrava no sentido de seu desenvolvimento, quando possibilitou a nossos ancestrais utilizarem esse elemento natural.

Partindo da etapa primordial, onde os seres pré-históricos davam os primeiros passos no que seria para eles, agora, seu novo ambiente; e de onde também forjariam, daí por diante, todo o seu processo de evolução desenvolvido nas planícies. Veremos que esse mesmo homem, inicialmente pouco ou quase nada diferia, diferença entendida como condição intelectual das demais espécies vivas. O novo ser era ainda guiado por instintos, como todos os outros habitantes do ambiente em que viviam, então, também era condicionado pela implacabilidade que essas primitivas formas de instinto concediam as suas ações, estreitando seus atos na rotina de um ciclo. Procurando eliminar as margens que os deixariam expostos a erros que não sabiam como corrigir. Assim agiam e agem pela própria característica que a natureza conferiu a essas mentes simples.

Despidos de qualquer clareza mental, posto diante de alternativas novas não sabiam como avaliá-las. Dessa maneira, a sobrevivência dependia da "rigidez" de suas ações. Essa imutabilidade em relação aos estímulos instintivos, acabariam formando um círculo, aprisionando nele, o ser, e onde as mudanças só ocorreriam no âmbito de adaptações ambientais a sobrevivência da espécie. Todavia, como também já vimos, ocorreu que, à exceção de todos os outros organismos vivos, nossa raça antepassada, pela integração de diversas condições naturais, ditadas pela evolução, veio a ter as condições singulares, segundo as quais proporcionar-lhe-ia uma nova direção na forma como evoluiria, fazendo divergir desse inicial e primitivo estágio em que se encontrava, e que, como vimos, o igualava aos seres irracionais; dando assim, a seguir, um novo curso no seu aprimoramento, inusitando no ambiente natural e que o faria quebrar um "pacto" com esse mesmo ambiente, desde quando a vida surgiu no planeta. E dessa forma desvincular-se dele pela maneira como agora conduzia a sua evolução, direcionando a um desenvolvimento intelectual. Desenvolvimento esse, que era antagônico com o próprio desenvolvimento de sua estrutura física. Em consequência, alcançou a consciência extinguindo-se totalmente da natureza, e sendo assim, distinguindo-se também de suas leis e regras milenares.

Não fazendo mais parte intrínseca desse meio, esse ser emergente, nessa caminhada sem volta que lhe foi dado a trilhar, teve que criar suas próprias leis para conseguir a sobrevivência, pois, ao contrário de modificar para adaptar-se ao novo ambiente, esse longínquo ancestral humano, de forma inédita, agora modificava o ambiente para conseguir adaptação.

Sua sobrevivência passava a depender, como vimos, de um maior desenvolvimento intelectual. Sua disputa pela vida não era mais só contra as forças naturais, e sim contra seus próprios "pares".

Nos grupamentos isolados que formavam passaram a encontrar seus verdadeiros contendores, caldeados que foram na mesma conjuntura de fatores que os fez trilhar idêntica direção evolutiva, e por isso forjando as características que os condicionou pertencerem a uma mesma espécie. Por uma ironia imposta a própria complexidade de sua evolução e, de certa maneira, pelas leis primordiais que vêm com a vida desde seu surgimento, os grupos humanos ancestrais que formavam-se e desenvolviam-se paralelamente, eram entre si seus maiores rivais no universo natural.

Consequentemente, na luta pela vida que travam constantemente, até o próprio homem, senhor de todas as criaturas, encontrou paralelo no qual medir-se. Todavia, agora tinham elevado essa "luta" milenar em que travavam todos os seres vivos em busca da sobrevivência, a uma dimensão superior.

VIII

A evolução do homem ancestral impôs modificações que o divergiam, progressivamente, da espécie que o originou. E dessa forma enquadrava-no no meio em que passaria a viver.

Entretanto, essas modificações logo tomaram o rumo no sentido do seu desenvolvimento intelectual, e que o faria, assim, modificador desses mesmos ambientes.

Foi assim que, esses primeiros ancestrais, conseguiram chegar aos estágios iniciais que os propiciaria desenvolverem instintos superiores.

Essas mentes emergentes que por condições já vistas, libertavam-se da carapaça muscular excessiva, as quais também possuíam todos os demais seres instintivos, pois as necessitavam para suprir uma dependência a um cérebro irracional, detinham agora a primazia no conjunto do novo ser.

Era, portanto, sua parte mais nobre e dela, de agora em diante, é que saíam os estímulos necessários para todas as suas ações. Sendo que, inusitando no mundo animal, estas ações eram, a partir de então, "guiadas" por um comando intelectual.

No início de sua formação, restringia esses comandos a estímulos para acionar habilidades físicas, especificamente o manejo na confecção de objetos. Essas habilidades ocasionariam na capacidade mental, estimulando-o cada vez mais o raciocínio e a facilidade em aprender e reter esse conhecimento. "Espremidos", vamos assim dizer, entre esses instintos superiores, áreas maiores de lucidez abriam caminho na massa cinzenta desse novo intelecto, que surgia e desenvolvia-se nesses longínquos ancestrais, e que dessa forma, progressivamente, como vimos, aumentava também sua capacidade de raciocínio e aprendizado. Fazendo desses conhecimentos que adquiria, intercâmbio para a formulação de idéias novas, e dando a possibilidade a esse cérebro de inusitar.

Para uma melhor compreensão do que acima foi dito, daremos um exemplo: vamos nos transportar para um determinado período na pré-história, que imaginaremos coincidente com as situações que descrevemos e que agora tentaremos compreender melhor. Compreensão essa concernente a aspectos do desenvolvimento cerebral do homem ancestral.

Participaremos de uma incursão de caça com esses primitivos seres. Veremos, então, que se destacando do total do grupo, alguns indivíduos possuíam uma habilidade incomum com suas lanças em acertar a uma determinada distância as caças; ao passo que outros não possuindo tal habilidade, observavam. Os habilidosos com suas rústicas

armas possuíam uma forma superior e derivativa de um instinto anterior, e que assim poderíamos chamar, essa derivação, como sendo uma habilidade natural e específica, que possuíam alguns desses seres.

Como um animal selvagem que cegamente sempre acerta sua presa, esses caçadores primitivos também acertavam sua caça de forma implacável. Todavia que, pelo desenvolvimento em que se encontrava a espécie humana, esse instinto cego do ser irracional, era no homem caçador, pela forma como foi por ele alcançado e por suas próprias características novas, uma derivação superior desse mesmo instinto cego e irracional, mas que, tirante a emergente lucidez de nossos caçadores ancestrais, e medindo-se na proporção do grau de suas dificuldades, esses dois seres predadores nessa determinada área, se equívalem.

Continuando nosso exemplo, veremos que a caça, antes abundante e agora, por determinados motivos, começava a rarear e ficar arisca, passando assim, ao largo dos caçadores, que para acertá-la teriam como meta um alvo bem mais reduzido. Vieram então, suceder-se dessa forma, erros atrás de erros, por parte desses indivíduos, outrora habilidosos, no acertar com suas lanças a nova disposição em que se encontrava a caça. Por mais que fizessem não conseguiam aprumar sua pontaria ao novo e restrito alvo. Comprometendo com o passar do tempo, a própria sobrevivência do grupo, pois todos dependiam desse alimento. Aconteceu que, nas novas tentativas constantes que faziam para capturar a caça, e que, todavia, não obtinham sucesso, um dos elementos do bando, que como dissemos, por ser desprovido do talento para caçar, ia na disposição de outras tarefas. Observando assim, a dificuldade dos caçadores e comparando-as com as das incursões iniciais, quando não havia dificuldades no acertar a caça. Notou o tamanho e características de suas lanças, e que não mudavam, concernentes a profundidade do seu alcance. E, da mesma forma, o esforço empreendido para lançá-las. Depois de bem observar tudo isso, clareou em sua mente, a idéia de uma nova arma que poderia atingir a mesma presa a uma distância bem superior às antigas lanças e com um grau maior de facilidade. Vamos então, a possível invenção do arco e flecha, artifício bélico sucessivo às antigas lanças.

A consequência dessa idéia que gerou uma nova arma, no momento não vamos nos ater, mas sim na essência de nosso exemplo. Concluiremos que: com sua imaginação esse indivíduo destituído de qualquer talento específico, garantiu a sobrevivência do seu grupo, com invenção da nova e eficaz arma. Novamente chegamos, e de uma forma mais elucidativa, ao ponto que tínhamos proposto alcançar; agora porém, de uma forma mais sucinta: em que condições provavelmente encontravam-se o homem ancestral, concernente à listagem de seu desenvolvimento cerebral, ponto convergente em que pendia toda a evolução do ser, quando da descoberta prática do fogo?

Frisa-se, então, a importância do artifício imaginativo que alcançou esse intelecto emergente, percebendo-se, ao certo, que foi através dessa prodigiosa prerrogativa mental, que tanto nos distingue dos demais seres, que "empurrou" nossos antepassados naquela direção.

O homem ancestral alcançou esse grau intelectual superior, que como já vimos, referente a sua etapa evolutiva no sentido em que era elaborada ao correr do tempo a nova espécie, em uma relação da qual sua estrutura física era indiretamente proporcional ao seu condicionamento intelectual; por conseguinte, a vestimenta muscular óssea e as armas naturais que evoluíam nos demais seres instintivos, até então, passassem com a sua evolução a terem um lugar secundário no seu desenvolvimento geral, e que, devido ao direcionamento para onde "trilhava" essa mesma evolução, fazendo, então, com que seu tecido cerebral se organizasse e elaborasse progressivamente em detrimento de sua armação corpórea. Sua importância se reduziria na medida em que "caminhava" esse desenvolvimento na unidade da raça, compreendido como sendo obtenções evolutivas da espécie ao longo de sua trajetória no tempo; fazendo do seu corpo um mero veículo para sua mente, que o direcionava a caminhos nunca antes trilhados e alternativas também nunca antes deparadas.

Dessa forma, não mais possuía o ser um arcabouço físico, como têm as demais espécies primitivas, para suportarem a direção imutável que dão a essas mesmas espécies, seu comando meramente instintivo. Consequentemente, precisando esses cérebros do respaldo de uma forte estrutura física e da mesma forma, inseridas nela, armas naturais para enfrentarem a natureza no combate direto e franco em que se digladiam.

Fazia-se necessária em sua vestimenta corporal, grossas peles para defenderem-se do frio e da chuva, e, da mesma forma, chifres, mandíbulas poderosas e cascos ágeis para defenderem-se ou atacarem na sua luta pela sobrevivência.

O homem com o abismo que o desenvolvimento intelectual o separou desses seres, conseguiria pelo artifício que lhe proporcionou esse mesmo intelecto, eliminar essas armas naturais, reduzindo assim, seus membros e comandos secundários para suas novas ordens cerebrais, as quais dariam a eles na junção com os demais artifícios criados por seus cérebros, forças desproporcionais.

Não seria mais esse corpo, então, um mero escudo para um comando instintivo, antes sim, um intermediador para executar uma ordem mental elaborada.

Nos seres não guiados pela razão, o fator conjunto: comando – ponto terminal desse mesmo comando está inserido no próprio ser, já o mesmo complemento, comando ponto terminal, em cérebros lúcidos podem não estar associado intrinsecamente. Sendo assim, nos seres racionais o efeito pode ocorrer distante da causa, divergindo dos irracionais que para o mesmo efeito ocorrer teriam necessariamente um contato direto do ser que emitiu o impulso ordenado com o objetivo que queria acertar.

Suas armas, portanto, são suas terminações naturais, com raras exceções.

IX

Com o correr da evolução do ser humano, mais necessariamente nas suas iniciais formas, esse conceito foi mudando. Podendo o novo ser fazer de partes extremas de seu corpo, órgãos mais sensíveis e aprimorados, para melhor utilizá-los como elementos de transição que passariam aos poucos a desempenhar para impulsionar ou prender objetos, comandado pelo mesmo cérebro que possibilitou elaborá-los. Exemplificando, a mão e o braço humano, por sua sensibilidade alcançada passariam a ser utilizado como deflagradores de artifícios, os tornando, podemos assim dizer, comandos secundários e intermediários entre o cérebro que emitiu o pensamento e o objeto utilizado.

O alvo a ser atingido seria o efeito causado à distância. As armas e instrumentos do novo ser em desenvolvimento não lhe faziam parte, no sentido relativo e interdependência intrínseca do seu corpo, mas, antes sim, invenções criadas e impulsionadas por sua "alavanca" intelectual nascente.

Notaremos então, prosseguindo esse pensamento, na medida em que aumentava o desenvolvimento mental do ser, seu corpo correspondia a esse desenvolvimento exteriorizando-o em terminações sensíveis, como a pele e seus órgãos preênses, fazendo-os corresponderem em sintonia com o novo estímulo que lhes seria enviado, de origem racional e, por isso, os tornando adequações hábeis e sensíveis para harmonizarem com os novos comandos transmitidos por seu cérebro. Consequentemente o aumento dessas áreas "sensíveis", vamos assim dizer, em seu corpo, tornavam-se "janelas" exteriorizadas para as ordens que necessitavam, por sua vez, devido ao seu novo grau de elaboração, de mecanismos de transmissão mais sofisticados para em traduzi-las.

Para tudo isso ocorrer, entretanto, teriam esses órgãos que se desfazerem, ao longo da evolução da nova espécie, de parte de sua capacidade muscular, trocando-o por um maior domínio da sensibilidade. Assim sendo, poderia esse ser criar ferramentas mais sofisticadas pois, suas terminações corporais estariam adaptadas para decodificarem esses estímulos agora racionais e transmiti-las ao artifício.

Todavia, frisa-se novamente, essa seqüência, causa – transmissão -, não ocorre nos seres dito instintivos, salvo condições peculiares, mesmo assim se ocorrer, será sem o sentido geral do ordenamento racional da espécie humana. Essa não ocorrência deriva de uma imposição do próprio ciclo, no qual evoluem e estão condicionados esses seres, não dando margem para uma maior abertura intelectual e consequentemente uma libertação bem maior de sua armação física. Armação essa que o aprisionou e insensibilizou numa escala indireta e seus dote cerebrais.

Não conseguiu romper essa interdependência, mente instintiva – arcabouço corporal reforçado, por uma contingência, como dissemos, da forma como evoluiu e que só ao homem foi permitido divergir.

X

Os seres que evoluem de forma natural, isto é, na interdependência com o meio em que estão inseridos e, portanto, diferindo a partir de certa etapa da forma como foi conduzido o processo evolutivo humano, necessitam de uma correlação de igualdade e equilíbrio entre o instinto que os guia e a massa corporal que os protege. Dessa exata medida de equilíbrio é que conseguem a sobrevivência.

De forma singular, o homem cindiu a essa correlação, quando por razões já vistas, desvinculou-se dessa interdependência natural. No sentido em que, da mesma forma, direcionava seu desenvolvimento evolutivo para um progressivo aprimoramento intelectual, que tomou rumos mais definidos quando o novo ser não dependia, como bem vimos, das modificações ambientais.

Para isso, utilizava-se da agudeza de sua lucidez emergente e que cada vez mais lhe abria espaços em sua massa cinzenta. Esses constantes aperfeiçoamentos, no seu intelecto, pelo qual passavam nossos primordiais ancestrais, eram-lhes ditados segundo as regras do caminho inicial que a evolução os impôs trilhar, e que dessa nova forma de desenvolvimento onde a espécie humana ousava experimentar, não pôde mais dissociar.

As modificações primordiais que a nova raça sofreu, a distinguiu da espécie que foi originada, e lhes deu as condições de seguir esse caminho singular em elaboração. Sobrevivendo a partir de certa etapa de sua evolução, nesse mesmo desenvolvimento que ousou perseguir, ainda que, todavia, para continuar garantido a sobrevivência, não teria direito a retrocessos nesse processo.

Ultrapassando os obstáculos e seguindo sempre em frente. Lutando contra instintos milenares que ainda o dominavam e ocupando com um emergente esforço mental, essas determinações remanescentes que lhes "sobraram", vindas de um passado imemorable, perdidas na vastidão do tempo, e que, desde os primeiros dias dessa caminhada que empreendia, com eles digladiava. Sendo que, de cada vitória sobre tais instintos, foram que esses primeiros homens conseguiram alcançar suas maiores conquistas.

Resumindo alguns aspectos do que acima falamos, o que compreendemos como sendo evolução desse homem antepassado repetiremos aqui, o que espaçadamente e de maneira mais geral já foi descrito.

No correr do desenvolvimento das formas primordiais do homem, quando suas transformações, obedecendo a mudanças ambientais, ainda lhes traziam modificações em sua forma física, que foram as responsáveis e que lhes propiciaram os meios para direcionar sua evolução, no sentido que nele, os primeiros ancestrais do homem, foi imposto a essa mesma evolução, inusitada em todo o ambiente natural; desenvolveu-lhe, progressivamente, o aprimoramento do seu cérebro.

Dessa maneira, de forma permeável e transparente esse limite intermediário que lentamente transpôs a espécie, delimitou também a passagem para um novo degrau no seu desenvolvimento, sendo compreendido como a gradual transformação do ser que se modificava ao ambiente, para ser o modificador desse mesmo ambiente, e que não necessitava mais se moldar fisicamente a ele.

Esse limite intermediário, tênue e indefinido que ultrapassava nosso ancestral em sua evolução, pode ser compreendido como a fase em que caracterizou-se o direcionamento dessa mesma evolução, em seu desenvolvimento, que pela maneira como foi alcançado e desenvolvido na espécie ancestral, teria aspectos singulares no sentido em que contrapunha-se ao próprio processo evolutivo natural, e pela maneira como formava os novos seres, divergiria também da própria essência em que foi elaborada para condução da criação, desde o aparecimento da vida.

Foi talvez aí, nessa etapa intermediária, que transcendia, vamos assim dizer, nossa espécie compreendida na margem permeável e inconsistente que concedia essa passagem, que formas iniciantes de cultura tiveram seu início. Da mesma maneira, transmitidas paralelamente, porém, sem estarem inseridas nas transmissões herdadas geneticamente pela espécie no transpasse das gerações.

Sendo assim, não mais transmitindo só hereditariamente nos seus desenvolvimentos, mas deixando para as gerações que viriam indícios artificiais do que conseguia. Dava, o homem, início as primeiras transmissões extracorporais de fatores artificializados por ele.

Seriam esses fatores extracorporais, formas iniciantes de transmissões culturais que a espécie passaria a legar as gerações posteriores.

Não mais prescindindo de modificações nos seus caracteres físicos para continuar sobrevivendo e evoluindo. Mecanismo esse, acima inserido no próprio conjunto evolutivo e que possibilita a continuação da vida no planeta: a mutação genética. Sendo que, através da qual, atingiu esse sentido inusitado na forma como evoluía, e que agora nele passou a atrofiar, conseqüência direta do seu pouco valor à sobrevivência e evolução da espécie.

Então, dessa forma, gradualmente substituído pelo mesmo artifício intelectual, deu a esse ser chegar nesse estágio de sua evolução.

Fazendo, então, de sua intelectualidade progressiva, substituta para alterar as distorções que viessem a acontecer a sua sobrevivência. E, que anteriormente encontraria respaldo para essas mesmas distorções naturais nos mecanismos genéticos tradicionais, inseridas na evolução.

Momento importante esse, quando o homem transpôs a barreira das transmissões culturais entre uma geração e outra; importante no sentido da sua abrangência progressiva no desenvolvimento intelectual desses primeiros ancestrais. Delimitando assim, um novo perfil na elaboração da espécie e, conseqüentemente, na amplitude de seu futuro para o desenvolvimento da nova raça.

Por conseguinte, quando nossos antepassados estagiavam em sua evolução quando passaram a extrapolar o envio do seu desenvolvimento às gerações que viriam da forma puramente biológica que geneticamente a espécie anterior concedia esses transpasses e, dessa maneira, dando início as primeiras transmissões culturais.

Foi, ao certo, esse o ponto onde realmente sua linha diretiva de desenvolvimento foi traçada, e que, daria efetivamente ao primitivo ser as condições de progressivamente evoluir até nós, homens de hoje.

Sua evolução, como bem vimos, não seria mais cíclica, a qual nos seres instintivos os faz buscar adaptação contornando com seus corpos as mudanças ambientais.

XI

Com o seu desenvolvimento mental, a evolução do homem tomou rumos mais objetivos. Agora, os conhecimentos adquiridos por sua inteligência já seriam deixados para as gerações que viriam paralelamente as suas conquistas de maneira genética, na forma de cultura.

Esse ser, a partir de tal fato, expandiu de forma nova sua maneira de evoluir; e, conseqüentemente de transmitir essa evolução. Deixando-as desvinculadas de suas características físicas entendidas como sendo forjadoras de seus limites corporais e, da mesma forma, transmissoras dos desenvolvimentos intelectuais que a raça alcançava. Para agora, na forma como confeccionava a sua maneira o ambiente, modificando-o, enviar junto a essas modificações, bases culturais para as novas gerações.

Seu desenvolvimento dava-se agora, muito mais intensamente, na transcendência de sua intelectualidade, que ficava mais lúcida. Sua mente já direcionava o sentido, como dissemos, de sua evolução, levando a espécie a expandir suas próprias fronteiras do conhecimento a limites nunca antes alcançados, liberando, ao mesmo tempo,

gradativamente, seu corpo, pelo artifício que conseguia através do conhecimento e desenvolvimento desse mesmo intelecto.

O instinto primitivo e irracional foi derivado no conjunto da evolução da espécie humana em seguimentos superiores, a partir de sua forma original de onde provinha. Tornando-se artifícios intelectuais aptos a fazerem parte ativa do emergente cérebro humano ancestral; e consequentemente, circular pelos difíceis caminhos que a consciência, "estufa" em cujo "caldo", possibilitou "brotar" todos os demais sentidos dessa "abertura" lúcida, concedia como "dona" de todas as dimensões possíveis nesse mundo transcendente, transitar nesse único contato admissível com a realidade. Compreendendo como sendo essa dimensão consciente o espaço lúcido desse cérebro que iniciava, "luz" maior e precedente de toda essa nova estrutura intelectual que começava a elaborar-se no desenvolvimento evolutivo desse homem ancestral. E que, de onde o pensamento, o raciocínio, o talento (em suas várias formas), a busca da memória aprendizada, e os demais artifícios ativos da mente, germinariam e passariam, a partir de seu "berço" elucidativo, a interdepende-se.

De sua origem, polêmica e singular na forma como evoluiu, deu-se início ao processo efetivo de caldeamento do ser, concernente a elaboração progressiva que a nova ordem evolutiva e seu processo, investiram no cérebro da espécie. Fazendo de seus seres, inusitados, e trazendo com a sua iniciante consciência, o surgimento das primeiras indagações acerca de sua existência e do mundo que a envolvia.

Indagações muitas vezes suscitadas num simples lance de olhar ao horizonte distante, feitos por essas primeiras consciências.

Todavia, por sua pertinácia e profundidade, produto de um mundo tão inquietante, não obstante a distância temporal a nos separar daquelas épocas, muitos desses remotos questionamentos, encontram-se ainda hoje, sem respostas.

XII

Abrindo as iniciantes "rachaduras", podemos assim dizer, por entre instintos milenares e condicionadores, os antepassados do homem conquistaram também uma nova forma de expressão para sua memória, baseado na experiência que o novo ser passaria, então, a computar partindo de seu nascimento.

Sendo assim, o conhecimento começou a ser acumulado e utilizado como um novo meio de direcionar as ações do ser, baseada na análise das experiências armazenadas nesse novo dispositivo mental que a espécie adquiriu e desenvolvia, dando início à criação e escolha de novas alternativas para responder as situações também novas que surgissem a sua frente.

O primitivo ser, então, a partir dessa iniciante abertura de conscientização que o envolvia, passou gradativamente a possibilitar formular idéias próprias e inovadoras, de forma que, em consonância direta com elas regia agora seus novos atos.

Por conseguinte, individualizando-se cada vez mais dentro da unidade que compunha sua espécie, não refletindo mais em si todo o perfil da raça, mas, antes sim, contribuindo para a moldura diferenciada e interdependente, que sua própria crescente individualidade forjaria, na maneira que compôs a essência dessa identidade em uma das principais características da espécie.

O novo ser, então, já impunha sua vontade racional acima dos instintos condicionadores. "Domando", vamos assim dizer, essa primitiva expressão mental, que por muito tempo viera aprisionando-o ao meio natural. Consequentemente, esses mesmos instintos adaptavam-se gradativamente à nova ordem cerebral do ser, ou então seriam empurrados para os desvãos mais escuros do seu inconsciente, que ainda formava a imensa e desproporcional de seu cérebro.

Com o acúmulo de experiência, conseqüência de sua nova forma de memória, possibilitando reter o conhecimento formulado que ganhava a espécie.

A vontade desse novo ser passou a ser abastecida por essa experiência que ele armazenava em sua mente, fazendo, repetindo, analisando situações e escolhendo alternativas, baseada nesse mesmo código mental exótico que adquiriu. Sendo assim, o medo instintivo e primitivo passa ser dominado por sua "vontade", é utilizado como uma proteção irrefletida para os avanços de sua iniciativa racional, servindo, podemos assim dizer, como um "freio"; não deixando que a vontade própria, obtida pelo ser, o levasse a situações sem retorno.

Dessa maneira, como uma "mola" que fosse sendo retesada na medida em que o indivíduo obrigava a si próprio a caminhar por entre o perigo, vencendo o medo por sua vontade consciente de uma maneira irrefletida, simbolizado pela mola reprimida, como falamos acima, em determinado momento crítico para sua sobrevivência, momento esse inconsciente para o ser, o traria na forma de um reflexo condicionado, novamente para dentro de um limite de segurança tolerável.

Esse instinto tão importante, vital para seres irracionais e suas ordenações mentais monitoradas, na nova espécie, passou a ser um derivativo de origem atávica que ainda traz consigo a raça.

Agora, esse medo dito involuntário, seria na espécie humana, subdividido e descaracterizado na sua forma básica, derivando para um conceito novo que teriam a partir de então, os quais seriam: os sentimentos humanos. O novo conceito para esse antigo sentido, no caso do medo, seria a emoção do medo. Sentimento, mesmo assim, disposto a vontade racional do novo ser, que era "abastecida" pelo conhecimento prévio do perigo ou não, baseado esse conhecimento na experiência adquirida e armazenada.

Dependente de fatores externos e pessoais dentro da elaboração da individualidade de cada ser. Fatores esses formadores e, na maturação de sua intelectualidade, responsáveis pela identidade e personalidade desse mesmo ser quando adulto.

Então, um maior ou menor grau dessa emoção, como conclusão, dependeria desses fatores indutores.

XIII

Primordialmente, quando traçavam suas iniciais passadas evolutivas, nossos ancestrais depararam-se e venceram um obstáculo que lhes foi de importância essencial para manter a sua linha progressiva de desenvolvimento: o domínio da forma compulsória do instinto do medo, descrito acima. Do domínio desse instinto, nossa espécie ancestral adquiriu uma maior lucidez e conseqüente iniciativa racional.

Agora, de uma maneira até paradoxal, teriam que vencer o inimigo muito mais insidioso: a falta de conhecimento, que abasteceria sua racionalidade, induzindo assim, sobre os novos sentimentos, como o medo e muitos outros amadurecidos pela raça, proporcionando o não conhecimento permitir a dominação do indivíduo por essas emoções.

A nossa espécie antepassada, a partir de certa etapa de sua evolução, seguiria uma nova orientação para a seleção. Seleção essa, agora então, distanciando o ser de um enquadramento com o meio ambiente, e, mais do que isso, elevando-o a uma nova dimensão, onde essa forma de escolha se faria sentir no contínuo processamento da espécie, utilizando-se de pontos referenciais totalmente diversos e inusitados, até então, para capacitar o novo indivíduo, e dar continuidade ao seu desenvolvimento do novo cérebro.

Esses pontos referenciais que acima falamos, seriam na essência dessa nova seleção, tirados da própria disputa da espécie entre seus pares raciais, no embate em que se digladiavam quando, quebrando o isolamento dos diversos bandos, forma em que primitivamente viviam, lutavam entre si, sendo então, selecionados a sobreviverem os grupos mais organizados e conseqüentemente com uma estrutura intelectual mais elaborada.

Quando iniciaram aventurar-se nas planícies inóspitas, os primeiros ancestrais do homem decidiram, certamente, nesse momento de sua conduta desenvolvimentista seu próprio direcionamento, dentro da forma como passaram a evoluir, direcionamento que seria, pela própria congruência de diversos fatores simultaneamente inferidos, um direcionamento linear e progressivo, com características exóticas, no sentido em que a necessidade ocasional fez impor ao desenvolvimento dessa evolução. Notabilizando-se pela elaboração continuada do cérebro desse ser.

Todavia, o caminho linear que teve obrigatoriamente que tomar sua evolução, teria, com seu rompimento, a falência da espécie.

Consequentemente, esse caminho imposto foi desde o seu começo, um caminho sem direito a retrocesso. Na transcendência das fases iniciais desse desenvolvimento, conseguida por esses seres no tempo, sem dúvida, o mais importante foi a vitória conseguida sobre a dependência às variações do meio ambiente, responsável pela moldagem do perfil da raça.

Quando passou a não mais depender desses aspectos, o próprio processo evolutivo, como várias vezes falamos, teve que ser nela alterado, descartando as mutações genéticas, agora desnecessárias, desse mesmo processo em que evoluía essa original espécie. E, fazendo de seu artifício cerebral em desenvolvimento, paradoxalmente em parte conseguido por essas mesmas mutações que a raça, então, passou a não mais prescindir seu próprio substituto.

Dominando seu ambiente, a seleção natural, subproduto final da evolução, teve que, nesses seres ancestrais, encontrar novos parâmetros para situar-se e continuar influenciando na necessária e progressiva evolução da espécie.

De forma resumida, chegamos novamente ao importante ponto que em páginas anteriores já tínhamos abordado: o referencial para a nova seleção e a conseqüente elaboração da "máquina pensante" da espécie humana antepassada.

Esse referencial, seria nessa espécie, a própria "máquina pensante" que nela era elaborada.

Assim sendo, a evolução no homem ancestral, para continuar processando-se, encontrou o contraponto para essa continuidade evolutiva, sem fugir, pelo menos na sua essência, da própria conduta básica de que era constituída a própria evolução. Sua linha mestra ainda era a mesma, nessa fase do desenvolvimento ancestral com que vinha atuando na natureza, desde quando, do início da vida no planeta, há milênios, a vinha trazendo incômodo.

Todavia, a partir de certas etapas do desenvolvimento do homem, até a própria essência seria plasmada e orientada; orientação que ela própria moldou no decorrer da elaboração desse ser, e que agora, obrigava a direcioná-la segundo um sentido retilíneo e progressivo que na elaboração da inteligência de nossa espécie a faria dar saltos e a buscar soluções objetivas e lógicas, que lhe seriam, antes do advento do homem e seu cérebro, processos inimagináveis.

XIV

A evolução, a partir de certa etapa da organização do cérebro humano, fez com que esse órgão passasse, conseqüência de uma menor dependência com o meio, a ter uma dependência menor com o seu corpo estruturando-se no sentido de servi-lo basicamente, poderemos assim dizer, como uma plataforma móvel.

Sendo assim, pelos ajustes que os diversos referenciais orientavam a evolução da espécie nessa etapa de sua elaboração, e consequentemente orientavam também a sua forma de seleção no sentido do aperfeiçoamento desse mesmo órgão, "linha" maior da evolução, faz-se acreditar que sobreviveriam e que deixariam descendentes, os seres dessa raça que mais intelectualizados fossem, pois estariam, dessa maneira, mais aptos à nova forma de viver inserida no conjunto forjador do perfil dessa espécie.

Os cérebros que mais nasceriam seriam os que fossem mais elaborados, onde os impulsos instintivos fossem os mínimos e as regiões condicionadas de seu cérebro se restringissem, basicamente, a manterem o organismo do ser funcionando.

Ele teria, então, ao nascer, áreas cada vez maiores e originalmente inativas em certos setores desse mesmo órgão, que seriam concedidos pela hereditariedade evolutiva e seletora da raça.

Essas áreas inicialmente inativas, a que nos referimos, seriam a contribuição genética da evolução da espécie para formação da individualidade do novo ser, e que, na longa maturação desses setores, sem ter um sentido originariamente no cérebro desse ser, acabariam, se bem desenvolvidos, por lhe dar quando na fase adulta, sua complementação mental e sua personalidade.

O homem, no seu constante desenvolvimento, objetivo principal da sua evolução, que caminhava na direção do seu aperfeiçoamento intelectual, conseguiu estruturar em seu cérebro, órgão que dava sustentação a essa intelectualidade, através das transferências genéticas constantes entre as gerações, sentidos inusitados nele.

A "grosso" modo e de uma maneira excessivamente simbólica e simplista, utilizada na comparação explicativa que tentaremos fazer para darmos uma noção do que entendemos por avanços evolutivos no cérebro humano.

Sua dependência hereditária às características adquiridas pela raça, seu desenvolvimento a partir do nascimento, que pela própria dependência, que acima falamos, as conquistas genéticas da espécie, o propicia a uma formação independente e individualizada desse conjunto atávico que até aí o prendia ao perfil da sua espécie.

Dessa forma essa dependência, no sentido de sua complementação mental, se daria agora, e se faria sentir na sua maturação, até a fase adulta da maior ou menor evolução de seu meio social.

Assim sendo, então, o cérebro ancestral poderia, ao nascer, comparar-se a um poderoso computador, vamos assim dizer; todavia, desprovido de programação ou memória, além de seus sinais mantenedores da vida.

Porém, para bem entendermos o simbolismo dessa comparação, teríamos que forçosamente tomarmos como referencial, cérebros de animais primitivos, que seriam no nosso exemplo, também ao nascerem, comparáveis a pequenas calculadoras, porém que, já vindas totalmente programadas.

Dessa maneira, aptas para logo iniciarem sozinhas suas monitoradas perambulações na natureza. Todavia, seguindo o simbolismo do exemplo, sem jamais fugirem ao restrito programa embutido na pequena calculadora.

O intelecto humano, ao contrário dessas espécies irracionais, teria que passar por um período bastante longo para maturar e formar seu próprio programa básico, que lhe plasmaria a consciência e sua vontade racional, em seu poderoso computador, que, seguindo nosso exemplo, veio sem programação.

O poderoso computador seria, então, na comparação com o cérebro humano, produto que a evolução da espécie lhe legou ao nascer por hereditariedade, proporcionando com isso, desvincular-se a partir de seu nascimento, da unidade atávica do conjunto formador de sua raça. E, dessa forma, iniciar uma individualidade a partir de estímulos externos.

A estrutura cerebral ganha geneticamente e, vinculada ao todo evolutivo da espécie, daria agora ao novo ser desde seu surgimento, as condições de dissociar-se desse bloco hereditário, moldura do perfil do conjunto desses seres, e a partir dessa concessão, poderíamos assim dizer, para com esse órgão, e a conseqüente formação da sua individualidade alterar com essa mesma individualidade o próprio conjunto da espécie.

Já os seres primitivos, como vimos, nascidos condicionados e prontos, representados no nosso exemplo pela pequena calculadora programada, continuariam condicionados a esse ciclo hereditário que recebiam de sua espécie ao nascer, sem que fatores externos rompessem ou alterassem esse ciclo, e conseqüentemente, alterando também a conduta de modo então individualizada dos elementos dessa espécie primitiva.

Falamos até aqui sobre a evolução do cérebro humano a partir de seus primeiros ancestrais. Contudo esse desenvolvimento acima exposto nos é entendido como sendo aquisições que a nova raça ia incorporando durante o

caminhar de sua evolução. Entendendo, todavia, que não queríamos abordar com que acima dissemos, sobre a formação intelectual desenvolvida na maturação de um indivíduo.

Compreendendo-se por essa maturação, como sendo o crescimento físico e mental do ser até a sua fase adulta, mas, antes sim, queríamos frisar a própria evolução da espécie como um todo, no seu desenvolvimento através das gerações. Agora sim, de modo mais específico e que passaremos a ver como esse desenvolvimento adquirido por ela era assimilado na formação de um novo indivíduo.

Veremos então, de que maneira essas novas características formadas pelo conjunto da espécie, no seu correr evolutivo e, em consequência, transmitidas de geração em geração através da hereditariedade e fixadas, como dissemos na fase de crescimento do ser. Entendendo-se por essa condição de crescimento do indivíduo que se formava, como sendo também uma condição das próprias conquistas da espécie.

Todavia, essas mesmas conquistas, arduamente adquiridas no tempo por essa nova raça, tinham como berço criador, a partir de agora, o próprio processo envolvido nesse crescimento em que se formava na sua integralidade um novo indivíduo, processo esse, indissociável da nova espécie, pela maneira singular em como desenvolvia-se a forma de evoluir do ancestral antepassado, e por isso, indissociável também, da formação desse mesmo indivíduo, que agora passaria a assimilar por concessão hereditária, adquirida por sua raça e, lhe transmitida desde seu nascimento, fatores externos a sua formação, desenvolvendo dessa maneira, até a sua fase adulta uma nascente individualidade no seio da espécie.

À medida que sua evolução proporcionava-lhe novas e sofisticadas capacidades intelectuais, teria ele da mesma forma, que modificar sua própria formação, compreendida como sendo a capacidade de sua espécie em reunir condições para bem elaborar esta fase nova em que formaria a individualidade de seus elementos: do nascimento à fase adulta.

Dessa maneira, um abismo passaria a separá-los dos seres guiados somente pelo instinto.

Os avanços conquistados teriam pela nobreza de seus propósitos futuros, consequências no desenvolvimento de toda a raça. E, mesmo pela sofisticação em que tinham chegado, necessitando de um período bem maior de maturação durante seu crescimento integral na formação do indivíduo.

Pois, esse mesmo indivíduo ao nascer, teria que assimilar, a partir de estímulos externos, todas essas aquisições hereditárias que sua raça acumulou no tempo, e que agora lhe legava. Sendo assim, condicionaria esse ser a propiciar no próprio crescimento os valores equivalentes a essa herança evolutiva superior. Germinando desse modo, em cima dessa transmissão atávica, a complementação de sua individualidade, a partir de maneiras voltadas a obter as totais condições para essas heranças genéticas superiores desenvolverem-se plenamente todas as suas potencialidades até chegar a fase adulta do ser.

Por conseguinte, precisaria de tempo a espécie para ver germinar e consequentemente florescer em seus indivíduos adultos essas novas conquistas. Pois da correta maturação delas é que a espécie e a geração que viria, propiciando novos avanços no delineamento de seu próprio perfil, conseguiriam as condições para novos saltos na sua evolução.

XV

Os seres irracionais, como já vimos, recebem ao nascer de seus ascendentes um mapa mental e instintivo que os condiciona a transitarem na natureza. Por isso, pelo primitivismo dessa herança é que logo se tornam adultos. Sua mente, então, nascendo, quase que pronta, obriga o ser a desenvolver rapidamente seu corpo para acompanhá-lo e protegê-lo.

Depois de um rápido aprendizado esse primitivo ser já está apto a sobreviver sozinho. Sua progenitora em curto espaço de tempo lhe ensina as bases dos rudimentares métodos que a sua espécie utiliza a milênios para sobreviver, logo após ter saído de uma gestação a qual foi também de pequena duração.

Tudo o mais que precisar saber para conseguir sobreviver ele já recebeu ao nascer, na forma da herança condicionada, espécie de código memorizado e instintivo.

Então, em um prazo relativamente pequeno, se comparado na proporção com o próprio espaço da vida desse ser, desvincula-se de seus progenitores e torna-se, assim, independente. Não necessitando mais, essa prole, de um acompanhamento maior por parte de seus pais.

Essa pouca dependência do ser instintivo, tornamos a dizer, ocorre também pela pouca complexidade que caracterizam suas espécies. Saindo de uma curta gestação com os caminhos que irá trilhar no ambiente natural, traçados desde o nascer em sua mente; tornando-o, vamos assim dizer, marionete das aquisições herdadas por sua raça, as quais nada mais são do que aquisições que os possibilitem a sobreviver no mundo natural. Anulando-o, dessa forma, como unidade própria, alienando-o à maneira de evoluir do conjunto de sua espécie.

O ser, então, como unidade, pouco faz no período da sua vida para o desenvolvimento da sua raça. Ficando condicionado às modificações dela e dessa forma, conseqüentemente, condicionado também a adaptação ao ambiente.

Um ciclo forma-se que se perpetua na razão direta ao meio, razão essa no sentido, como falamos, de sua mutabilidade ao ambiente natural.

No homem, na maneira como foi conduzido seu desenvolvimento evolutivo, dando ênfase crescente ao aperfeiçoamento do seu cérebro, esse ciclo de dependência ao ambiente, por condições que anteriormente analisamos, foi rompido. Liberando-o de uma dependência a esse mesmo meio. Sendo assim, ele, ao contrário dos outros seres, modificava a partir do desenvolvimento que aquelas condições lhe vieram a propiciar, o ambiente natural ao invés de modificar-se através de mutações físicas.

Assim sendo, tornou-se ao conseguir dominar o seu meio ambiente um ser complexo e singular.

Como vimos então, a maturação desses seres ao nascer, maturação essa no sentido de seu crescimento integral, desde seu nascimento até sua fase adulta, teria que, pela complexidade do próprio elemento que estava sendo gerado e que assim, fazendo novamente uma abordagem resumida, demandaria todo um processo único nesse início de sua formação como indivíduo, rompendo uma nova aurora na sua escalada progressiva de elaboração em toda a face do planeta, para que as potencialidades implícitas no seu molde genético e que tão arduamente sua espécie conquistou através de gerações no tempo, e que agora lhes transmitia, fazendo assim, desde pequeno ancestral nosso que nascia, um adulto que plenamente potencializou as características singulares que herdou da espécie.

Para isso ocorrer, toda uma infra-estrutura social teve que ser evoluída conjunta e paralelamente às conquistas que a evolução do conjunto da raça conseguia para seus indivíduos.

Esses avanços sociais teriam então que ser, em outras palavras, paralelos à evolução em que se processava o próprio ser.

Por conseguinte, eram e teriam que ser então, interdependentes essas duas formas de evolução que agora se conjugavam: a social e a física. No sentido em que o processo em que se dava à formação de um indivíduo era o mesmo em que se processava todo o grupamento humano.

Todavia, esse conjunto interdependente, agora, indispensável para a nova e complexa elaboração dos indivíduos da espécie, surgiu por imposição dessa mesma complexidade alcançada por essa espécie na sua constante e progressiva evolução.

Compreendemos também o valor desse conjunto que passaria a "fermentar" as características da raça do indivíduo, fazendo-as valer, potencializando-as ao máximo, e conseqüentemente, fazendo do ser quando indivíduo adulto, componente importante como formulador de novas conquistas para a continuidade da evolução da sua raça.

Dessa forma, chegaremos à conclusão de que a partir desse ponto na escala de seu desenvolvimento, o ser e sua espécie formariam com a paralela evolução social, um tripé indissociável e interdependente no prolongamento do seu desenvolvimento.

Seguindo a lógica da confluência dessa evolução no homem antepassado, naquele dado momento de sua caminhada desenvolvimentista, seremos forçados a nos curvar a evidência da efetiva e confluyente participação do indivíduo como centro principal e causador dessa nova revolução, em que passou a processar a evolução na moldagem geral da futura espécie humana.

Sendo assim, a antiga moldagem majoritária que ditava o seu forjamento geral, tendo como referencial a seleção baseada em suas características majoritárias, teria agora um início de inversão com a crescente e necessária efetivação da individualidade como ponto confluyente de todas as conquistas que os diversos referenciais e suas seleções, compreendidas como os mantenedoras do avanço e da unidade do perfil da raça, se faziam sentir mais na dependência dessa nova individualidade dentro do conjunto da espécie.

O tripé, então, desenvolvimento social; desenvolvimento estrutural da espécie; e desenvolvimento do indivíduo, penderia mais no sentido do último, potencializando-o.

Consequentemente, todo o processo em que inseria-se a evolução desses seres inverteu-se, no sentido em que agora o próprio indivíduo, explorando as potencialidades que sua espécie concedia-lhe e sendo respaldado pela paralela e imprescindível evolução social, teria condições agora de contribuir e influir no avanço progressista dessa própria espécie, a partir de suas iniciativas individuais.

Assim sendo, o corpo do indivíduo deveria acompanhar essa maturação mental do ser em crescimento, desenvolvendo-se também lenta e paralelamente ao seu desenvolvimento intelectual, evitando com isso uma desarmonia entre corpo e elaboração cerebral do ser, se assim fosse, um possível desequilíbrio no seu comportamento integral.

Convém lembrar, no seu aspecto puramente físico, a proporção do tamanho ao nascer do cérebro humano em relação ao seu corpo, comparando-se com as medidas do conjunto do ser na fase adulta, lhe eram desproporcionais em relação ao seu corpo e assim seria durante todo o crescimento do indivíduo e sua estrutura craniana.

Assim, enquanto crescia integralmente essa estrutura craniana, pouco se desenvolveria fisicamente. Podemos deduzir que seu desenvolvimento dava-se muito mais no âmbito interno, entendendo como sendo o produto da maturação biológica de suas células nervosas, legadas pela hereditariedade de sua raça, que dessa forma, paralelamente às condições sociais que evoluíam, propiciavam e integravam esse lento crescimento biológico hereditário, de forma conjunta. Como inicialmente dissemos, os primeiros estágios de formação de sua mente, advindos de estímulos externos que durante todo esse processo de elaboração formatória o novo ser iria incrustando lentamente, em concordância com o também lento crescimento de sua estrutura orgânica e física, em sua massa cinzenta que assim desenvolvia-se, e que da mesma forma, em consonância com esses caracteres externos que o ser adquiria e incorporava, nesse mesmo sistema biológico neural, que acima falamos, iam tornando-se nítidos os primeiros contornos, do que seria o conjunto – cérebro mente - desse indivíduo que se formava. Sendo que, na fase adulta quando teria a integralidade biológica dessas partes agora indissociáveis, dar-lhe-ia a personalidade, tornando seu ser mais distinto dentro do conjunto dos grupamentos humanos.

Dessa forma, suas ações futuras seriam reflexos da maneira como foram elaborados nesse mesmo período de formação.

Vimos aqui então, de maneira sucinta, a necessidade de exigências que o cérebro pré-humano necessitava na formação de um novo indivíduo.

Falamos nesse pequeno ensaio, como seu próprio nome diz, aspectos sobre a evolução do homem. É, porém, uma pequena parcela perdida na vastidão do tempo.

